

MONTE BRANCO DA FOZ DO CARVALHO (SÃO MARCOS DA SERRA, SILVES): 5 MILÉNIOS DE EVOLUÇÃO HISTÓRICA ATÉ À SUBMERSÃO NA BARRAGEM DE ODELOUCA

SUSANA RODRIGUES COSME*

Resumo: As margens da Ribeira de Odelouca encerravam uma história desconhecida. A vida decorria calma, sem luz elétrica, ao sabor da velocidade da lavra do Carito, o burro do Sr. José. Praticava-se uma agricultura de subsistência, sachavam-se as favas, plantavam-se as batatas, também as doces, colhiam-se as laranjas e no inverno fazia-se a aguardente de medronho em destilarias que eram tantas ou mais do que as habitações. Aí chegou a Barragem, já falavam dela desde os anos 60 do século XX. Desde então não se faziam obras nas casas pois vinha a barragem, mas ela teimava em chegar. Os filhos cresceram e saíram à procura de uma vida melhor e os jovens casais dos anos 60 são agora casais de idosos, viúvas ou viúvos, guardiões das memórias passadas e presentes, muitas vezes escondidas margens da Ribeira.

Palavras-chave: Arqueologia; Antropologia; Etnografia; Memórias.

Abstract: The Ribeira de Odelouca's margins kept unknown stories. Life was quiet, without electricity, at the pace of the plowing of Carito, Mr. José's donkey. Here subsistence agriculture was the rule, beans, potatoes, sweet potatoes were produced, oranges were grown and, during the winter, strawberry tree brandy was made in distilleries, as many or more than the households that existed. Then, the damn arrived. It was already spoken of since the 1960's. Since then, hardly any maintenance was made on the houses, as the damn was arriving. Though it took its time. The children grew up and left, in search of a better life. And the young couples from the 1960's are now old people, mainly widowers, guardians of the past and present memories, hidden in the margins of the Ribeira.

Keywords: Archaeology; Anthropology; Ethnography; Memories.

* Arqueóloga independente e investigadora do CITCEM. susanarodriguescosme@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O tema desta 5ª secção ao colóquio Genius Loci, “Mundos de transição” levou-nos a apresentar aqui uma diacronia de ocupação humana de pelo menos 5 milénios num espaço concreto, o Monte Branco da Foz do Carvalho, no vale da ribeira de Odelouca, freguesia de São Marcos da Serra, concelho de Silves e, tentar perceber, ao longo destes 5 milénios de ocupação humana, que transições existiram e de que forma elas se nos deram a conhecer ao longo do nosso estudo.

O que aqui apresentamos resulta do trabalho realizado para a empresa de arqueologia Archeo’Estudos, Ltd., tendo como dono de obra a Empresa Águas Públicas do Algarve na área da albufeira da Barragem de Odelouca, fazendo esta parte do Programa de Aproveitamento Integrado dos Recursos Hídricos do Algarve, cujo objetivo é o fornecimento de água ao barlavento algarvio, o que aconteceu a 1 de junho 2012.

Foi o concretizar de um polémico projeto que deu os seus primeiros passos em 1972, se bem que já se ouvia falar da barragem desde os anos de 1960.

FASEAMENTO DOS TRABALHOS

Os trabalhos de campo que levaram a este estudo foram realizados em diversas fases, com o contributo de diversos profissionais e de várias áreas científicas:

- Levantamento etno-arqueológico¹,
- 1ª Fase de trabalhos arqueológicos²,
- 2ª Fase de trabalhos arqueológicos³,
- Acompanhamento da desmatção na área a inundar pela albufeira⁴,
- 3ª Fase de trabalhos arqueológicos⁵.

¹ Realizado por Susana Cosme (arqueóloga) e Tânia Madureira (antropóloga cultural) entre dezembro de 2007 e fevereiro de 2008 (COSME, 2010b, 877-886).

² Realizados por Susana Cosme, Filipa Antunes, Bruno Magalhães, Ângela Araújo; Anabela Sá; António Chaney e Carla Pinheiro entre março e maio de 2009 (COSME, 2010a, 129-144), na Necrópole da Sapeira (SPR52.09); Telheiro da Sapeira (SPR58.09); Foz da Benafátima (SPR61.09); Casa dos Mouros 1 (CM78.09) e na Necrópole do Monte Branco da Foz do Carvalho (MB95.09).

³ Realizados por Susana Cosme; Andréa Oliveira; Tapício da Nóbrega; Sandrino Rosa; Maria Luísa Nata; Cristina Pombal, entre março e maio de 2009. Interveio-se no Telheiro da Sapeira (SPR58.09); Casa dos Mouros 1 (CM78.09) e na Necrópole do Monte Branco da Foz do Carvalho (MB95.09).

⁴ Trabalho realizado por Filipa Pinto.

⁵ Trabalho realizado por Susana Cosme; Filipa Pinto; Tapício Nóbrega; Alexandrina Amorim; Luciano Vilas Boas, 15 e 16 de abril com a tentativa de alargamento da necrópole do Monte Branco da Foz do Carvalho e 22 dias úteis entre 5 de maio e 9 de junho de 2010. Nesta fase realizaram-se trabalhos na

CARACTERIZAÇÃO GEOMORFOLÓGICA

O local de estudo insere-se na zona que viria a ser inundada pela albufeira da barragem de Odelouca, incluindo as margens da ribeira de Odelouca na freguesia de São Marcos da Serra, concelho de Silves e da freguesia de Alferce no concelho de Monchique, ambas do distrito de Faro (Carta Militar de Portugal, 1:25.000, n.ºs 578 e 586).

Geologicamente trata-se de uma zona serrana, xistosa, a que Orlando Ribeiro chamou «um mar de cabeços de xisto»⁶. Localiza-se ligeiramente a sul da depressão tectónica de São Marcos da Serra – São Bartolomeu de Messines, que separa a Serra do Caldeirão da Serra de Monchique e que dividimos em três áreas de características distintas:

1. De São Marcos da Serra até à Foz de Benafátima, na Sapeira;

Zona caracterizada por um vale aberto, com terrenos de cultura de regadio, onde abundam os poços com noras metálicas. As cascalheiras e aluviões são parte integrante do leito da ribeira. É uma zona de fácil progressão no trabalho de prospeção, uma vez que tem acessos facilitados à ribeira e às estruturas.

2. Área que se estende da Foz de Benafátima até à Foz do Carvalho;

Nesta zona estamos perante um vale mais estreito entre montes com encostas altas e inclinadas na margem esquerda e declive um pouco mais suave na margem



Fig. 1.
Vista da Zona 2 –
Monte Branco da Foz
do Carvalho.

Necrópole do Monte Branco da Foz do Carvalho (MB95.10); Telheiro da Sapeira (SPR58.10); Casa dos Mouros 1 (CM78.10) e na Casa dos Mouros 241 (CM241.10).

⁶ RIBEIRO, 1991: 1261.

direita onde o povoamento é disperso, aproveitando os terrenos desta margem para alguma cultura de regadio. A margem esquerda tem acessos até ao Moinho do Talurdo 4. Quanto à margem direita, a prospeção é facilitada pelos acessos e pelas informações orais das populações que ainda aí habitavam.

3. Zona entre a Foz do Carvalho e Odelouca, onde se localiza o paredão da barragem.

A terceira área caracteriza-se por um vale estreito, com encostas abruptas e vegetação muito densa, onde o povoamento é quase nulo mas mais concentrado já junto ao paredão da barragem. Nesta área já não habitava ninguém e a maior parte dos terrenos encontrava-se já expropriada, apresentando-se com vegetação densa e plantio de eucaliptos.

MONTE BRANCO DA FOZ DO CARVALHO

Neste estudo centrámo-nos na zona 2, onde se localiza o Monte Branco da Foz do Carvalho. É neste local, com 3 sítios intervencionados com sondagens arqueológicas e com as vivências e memórias dos habitantes locais, que tentámos caracterizar a ocupação humana desta zona do vale.

As margens da Ribeira de Odelouca encerravam uma história desconhecida. A vida decorria calma, sem luz elétrica, ao sabor da velocidade da lavra do Carito, o burro do Sr. José. Praticava-se uma agricultura de subsistência, sachavam-se as favas, plantavam-se as batatas, também as doces, colhiam-se as laranjas e no inverno fazia-se a aguardente de medronho em destilarias que eram tantas ou mais do que as habitações. Para tudo isto era essencial a água da ribeira, visto que, por aqui não chegou a água canalizada e o abastecimento era feito através de poços, furos e represas, de onde se bombeia água com recurso a motores.

Aí chegou a Barragem, já falavam dela desde os anos 60 do século XX. Desde então não se faziam obras nas casas pois vinha a barragem, mas ela teimava em chegar. Os filhos cresceram e saíram à procura de uma vida melhor e os jovens casais dos anos 60 são agora casais de idosos, viúvas, essencialmente, ou viúvos que resolveram esconder nas margens da Ribeira vergonhas que a aldeia não entendia.

Era agora preciso abandonar este mundo, a ribeira que até aqui tudo dava, a partir de agora tudo ia tirar. Agora que tudo ia desaparecer, interessavam-se pelas suas vidas. Queriam saber como faziam a aguardente. Em que mês plantam as favas. Como eram os bailaricos. O Sr. Mário pôde contar que conheceu a sua Maria Teresa, “...num bailarico”. O Sr. Zeca ajudou-nos a compreender as ruínas



Fig. 2.
Sr. José lavrando os terrenos com o burro “Carito” e o arado.



Fig. 3.
Sr. António sachando as favas.

dos moinhos de Talurdo onde o seu pai foi o último moleiro e onde ele próprio chegou a viver. Foi com emoção que recordou as vivências do local e reconheceu a pedra onde a mãe lavava a roupa.

Simultaneamente à recolha oral, foram identificados 150 elementos patrimoniais entre: igrejas, pontes, casas de habitação, moinhos de água, moinhos de vento, poços, noras, tanques, fornos, currais, eiras, destilarias e sítios arqueológicos. Destes últimos, 5 por ficarem em zona a submergir, foram alvo de sondagens arqueológicas.

Entre março e maio de 2009, foram realizadas sondagens arqueológicas de forma a ter uma primeira avaliação de cada sítio e conseqüentemente realizar as medidas de minimização mais adequadas a cada local. Mais tarde, alguns desses trabalhos revelaram-se infrutíferos (caso da Necrópole da Sapeira), outros de pouco interesse (Foz da Benafátima); outros tiveram alargamento da área intervencionada (Telheiro da Sapeira, a Casa dos Mouros 1 e a Necrópole do Monte Branco da Foz do Carvalho). Foi ainda intervencionado um sítio inédito, descoberto aquando do acompanhamento da desmatação da albufeira, a Casa dos Mouros 241.

Na zona que nos interessa para este estudo apresentamos os resultados finais das intervenções realizadas na Casa dos Mouros 1 (CM78.09/10), Casa dos Mouros 241 (CM241.10) e na necrópole do Monte Branco da Foz do Carvalho (MB95.09/10).

CASA DOS MOUROS 1 (CM75.09)

Sítio localizado a meia encosta da margem direita da ribeira, encontrava-se completamente cheio de esteva, medronheiros e mato característico da mata mediterrânica. Foi referido em conversa com a D. Antonieta Joia, que em frente à casa dela existiam duas estruturas “muito antigas” e que lhes chamavam “Casa dos Mouros”.

Foi necessário realizar, numa primeira fase, a desmatação e limpeza desta estrutura, bem como a limpeza de pedras caídas no seu interior. Esta estrutura tinha uma planta retangular, encontrava-se dividida em dois espaços interligados por uma abertura no muro interior. Um espaço apresentava duas entradas: uma virada a sul e outra a oeste. O segundo espaço era dividido em duas áreas por um degrau e apresentava uma entrada virada a este.

Tipologicamente era uma estrutura construída com muros de xisto e argamassa argilosa, sem vestígios de reboco. Eram muros de muito boa construção comparando com as estruturas detetadas nas construções da região, com uma espessura de 45cm e em certos tramos do paramento atinge uma altura de cerca de 1,50m.

Em termos de funcionalidade parecia ser uma estrutura de apoio a atividades agrícolas. Pela tipologia de construção dos muros parecia ser uma estrutura de cronologia romana, se bem que haveria necessidade de o comprovar.

Após uma primeira fase de sondagens de diagnóstico em 13 m² verificou-se a cronologia avançada da estrutura da Casa dos Mouros dada a presença de materiais cerâmicos de época romana e algumas estruturas que pareciam apontar para possíveis sepulturas, nomeadamente, algumas com cobertura de lajes de xisto e a metade inferior de um dolium virado ao contrário sob um dos muros da Casa dos Mouros. Com o alargar destas sondagens verificou-se não



Fig. 4.
Casa dos Mouros 1
com a estrutura
ovalada da Casa dos
Mouros 241 em cota
inferior.

se tratar de sepulturas, mas de outro tipo de estruturas negativas. Como o sítio ia ser inundado e devido à necessidade de se perceber que estruturas existiam sob a Casa dos Mouros resolveu-se fazer a demolição acompanhada da Casa dos Mouros e escavar em área a zona com as estruturas de cronologia romana, que antecederam a construção deste espaço.

Foram identificadas várias estruturas negativas, delimitadas por um muro a Norte. À maior parte destas estruturas estão associados diversos buracos de poste, o que indica a presença de estruturas perecíveis, que seriam cobertas recorrendo também a materiais perecíveis, pois não foram exumados fragmentos de material de construção romano associados a cobertura de espaços. Foram registados vários tanques, uma pedra que foi interpretada como possível peso de lagar e uma estrutura negativa de forma retangular escavada na rocha, aplanada, com dois covachos para suporte de fundos de dolium, que teria uma funcionalidade de armazém. Todas estas estruturas parecem pertencer a um lagar muito rudimentar com estruturas na sua maior parte negativas, com materiais perecíveis e de cronologia romana.

CASA DOS MOUROS 241

Esta estrutura foi detetada durante os trabalhos de acompanhamento da desmatção da albufeira e foram realizadas algumas sondagens de forma a obtermos uma caracterização funcional e cronológica desta estrutura. Trata-se de uma estrutura

construída em xisto com muros com uma espessura entre os 0,50m e os 0,80m e que em alguns troços atinge cerca de 1,50 de altura. Trata-se de um recinto com cerca de 40m de comprimento (E/W) por 23 de largura (N/S). Não foram identificadas entradas neste recinto.

Em termos de localização, a Casa dos Mouros 241 fica a meia encosta entre a Casa dos Mouros 1 e a ribeira de Odelouca, na freguesia de São Marcos da Serra, concelho de Silves.

Quanto à sua funcionalidade, apesar de não se ter identificado nenhuma entrada, parece ter sido um recinto para recolha e proteção de animais ou um curral a existência de uma mina de água dentro do espaço permitia que os animais aí permanecessem mais tempo. O facto de não se ter identificado a entrada pode ser justificado pelo elevado grau de destruição de certos tramos da estrutura.

A maior parte do espaço interior encontra-se com a rocha-base à superfície o que indica a pobreza do solo para a agricultura apesar da presença de uma nascente de água dentro da área murada que podia permitir ser este, também, um espaço de horta nas zonas com maior potência de terra.

Independentemente da funcionalidade desta estrutura, que não ficou clara pelo registo arqueológico em termos cronológicos, e tendo em conta a tipologia de construção dos muros, será da mesma época da Casa dos Mouros, com a qual estaria relacionada.

NECRÓPOLE DO MONTE BRANCO DA FOZ DO CARVALHO (MB95.09)

A necrópole do Monte Branco da Foz do Carvalho foi identificada em prospeção e depois de algumas informações orais que se referiam ao sítio como “o cemitério”. Esta identificação deu-se na primeira fase dos trabalhos e foi objeto da intervenção arqueológica possível, antes da sua submersão, que se verificou a 16 de abril de 2010.

Nas 3 fases de escavação foram intervencionados cerca de 380m² e identificadas 19 sepulturas de períodos cronológicos distintos e de tipologias de enterramento diversas. Destas 19 sepulturas, 4 são da Idade do Bronze (5, 6, 7 e 8), com tipologia de enterramento em cista, caixa trapezoidal ou retangular, construídas em de lajes de xisto. Em nenhuma delas foram detetados restos osteológicos. Destas 4 sepulturas, 3 apresentam uma peça cerâmica como “oferenda” (5, 6 e 8).

Foi ainda registada a sepultura 4 que devido ao seu grau de destruição não foi possível balizar cronologicamente. Em função dos vestígios detetados, poderá ser igualmente uma cista.



Fig. 5.
Trabalhos na
necrópole do Monte
Branco da Foz do
Carvalho.

De cronologia romana (século I/II) foram identificadas 13 sepulturas de incineração secundária e uma de incineração primária, abertas em covacho sobre o solo geológico; apresentam uma forma sub-retangular a ovalada (1, 2, 3, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19). De destacar a sepultura 3 pela quantidade de espólio exumado e a sepultura 16 por ser uma sepultura de incineração primária. As sepulturas distam entre si cerca de 3m. A informação antropológica relativa aos indivíduos é mínima devido ao grau de destruição por ação do fogo dos restos osteológicos. Já o espólio votivo pode dar-nos uma ideia sobre as pessoas a quem foram oferecidos. Se há sepulturas que pelo seu espólio podem indicar pertencer a indivíduos do sexo feminino, pois apenas têm peças cerâmicas e vítreas (por exemplo a 1 e a 2), já a sepultura 3 pensamos pertencer a um indivíduo do sexo masculino em função da arma e das peças ligadas à agricultura e/ou carpintaria. Também podemos deduzir que o indivíduo da sepultura 3 teria uma posição hierárquica mais elevada, podendo ser militar (presença de adaga e de tachas) ou agricultor (presença de alvião). Em apenas mais uma sepultura, a número 10, se encontrou uma arma (pequena falcata). De resto, as peças exumadas limitam-se a cerâmicas de uso comum, peças vítreas como copos ou o unguentário da sepultura 2. A presença de uma lucerna e/ou de uma moeda é também característico deste período, mas aqui apenas surgem numismas nas sepulturas 1, 2, 3 e 12, e quanto a lucernas, elas surgem nas sepulturas 3, 12, 14 e 17.

Quadro 1. Tabela de Sepulturas.

<i>N.º de Sep.</i>	<i>Cronologia</i>	<i>Medidas em cm</i>	<i>Tipologia/Orientação</i>
Sep. 1	Época Romana	84x46x18	Incineração secundária NE/SE
<i>Espólio</i>	Sem espólio osteológico, sem carvões, com uma peça em cerâmica, 1 em vidro e 1 numisma.		
<i>N.º de Sep.</i>	<i>Cronologia</i>	<i>Medidas em cm</i>	<i>Tipologia/Orientação</i>
Sep. 2	Época Romana	82x22x13	Incineração secundária NE/SE
<i>Espólio</i>	Com espólio osteológico, com carvões, 1 numisma, 1 copo em vidro, 1 prato e 1 pote em sigillata e 1 unguentário em vidro.		
<i>N.º de Sep.</i>	<i>Cronologia</i>	<i>Medidas em cm</i>	<i>Tipologia/Orientação</i>
Sep. 3	Época Romana	70x36x28	Incineração secundária NE/SE
<i>Espólio</i>	Com vestígios osteológicos, com carvões, 1 numisma, 2 potes, 1 taça em cerâmica comum, 1 lucerna, 1 ponta de lança em ferro, 1 alvião em ferro, 1 punção de bico, 1 punhal em ferro, 138 tachas em ferro e 2 argolas em bronze.		
<i>N.º de Sep.</i>	<i>Cronologia</i>	<i>Medidas em cm</i>	<i>Tipologia/Orientação</i>
Sep. 4	Indefinido	104x46x23	Cista?
<i>Espólio</i>	Sem espólio osteológico, sem carvões e apenas alguns fragmentos de cerâmica comum no exterior da sepultura.		
<i>N.º de Sep.</i>	<i>Cronologia</i>	<i>Medidas em cm</i>	<i>Tipologia/Orientação</i>
Sep. 5	Idade do Bronze	97x52 (cabeceira) x44 (pés) X29	Cista NE/SW
<i>Espólio</i>	Sem espólio osteológico ou carvões e com uma peça cerâmica.		
<i>N.º de Sep.</i>	<i>Cronologia</i>	<i>Medidas em cm</i>	<i>Tipologia/Orientação</i>
Sep. 6	Idade do Bronze	88x56x42	Cista NW/SE
<i>Espólio</i>	Sem espólio osteológico, sem carvões, com uma peça cerâmica.		
<i>N.º de Sep.</i>	<i>Cronologia</i>	<i>Medidas em cm</i>	<i>Tipologia/Orientação</i>
Sep. 7	Idade do Bronze	95x50x30	Cista NE/SW
<i>Espólio</i>	Sem espólio osteológico, sem material associado.		
<i>N.º de Sep.</i>	<i>Cronologia</i>	<i>Medidas em cm</i>	<i>Tipologia/Orientação</i>
Sep. 8	Idade do Bronze	90x58x30	Cista NE/SW
<i>Espólio</i>	Sem espólio osteológico e com uma peça cerâmica.		
<i>N.º de Sep.</i>	<i>Cronologia</i>	<i>Medidas em cm</i>	<i>Tipologia/Orientação</i>
Sep. 9	Época Romana	78x50x18	Incineração secundária NE/SE
<i>Espólio</i>	Sem espólio osteológico, sem carvões, com escória, 1 pote de sigillata, cerâmica de paredes finas, 1 pote e 2 taças em cerâmica comum.		
<i>N.º de Sep.</i>	<i>Cronologia</i>	<i>Medidas em cm</i>	<i>Tipologia/Orientação</i>

MONTE BRANCO DA FOZ DO CARVALHO (SÃO MARCOS DA SERRA, SILVES):
5 MILÊNIO DE EVOLUÇÃO HISTÓRICA ATÉ À SUBMERSÃO NA BARRAGEM DE ODELOUCA

Sep. 10	Época Romana	65x52x16	Incineração secundária NE/SE
<i>Espólio</i>	Sem espólio osteológico ou carvões, com uma falcata em ferro.		
<i>N.º de Sep.</i>	<i>Cronologia</i>	<i>Medidas em cm</i>	<i>Tipologia/Orientação</i>
Sep. 11	Época Romana	66x38x18	Incineração secundária NE/SE
<i>Espólio</i>	Com ossos e carvões e cerâmica comum.		
<i>N.º de Sep.</i>	<i>Cronologia</i>	<i>Medidas em cm</i>	<i>Tipologia/Orientação</i>
Sep. 12	Época Romana	72x40x24	Incineração secundária NE/SE
<i>Espólio</i>	Sem material osteológico, com carvões, 1 pote com asa em cerâmica comum, fragmentos de lucerna, 1 taça ou pote e 1 numisma.		
<i>N.º de Sep.</i>	<i>Cronologia</i>	<i>Medidas em cm</i>	<i>Tipologia/Orientação</i>
Sep. 13	Época Romana	98x64x24	Incineração secundária NE/SE
<i>Espólio</i>	Sem material osteológico, com carvões, com 1 copo em vidro e fragmentos de lucerna.		
<i>N.º de Sep.</i>	<i>Cronologia</i>	<i>Medidas em cm</i>	<i>Tipologia/Orientação</i>
Sep. 14	Época Romana	66x34x18	Incineração secundária NE/SE
<i>Espólio</i>	Sem material osteológico, com carvões, 2 taças em cerâmica comum, 1 lucerna e 1 taça em vidro.		
<i>N.º de Sep.</i>	<i>Cronologia</i>	<i>Medidas em cm</i>	<i>Tipologia/Orientação</i>
Sep.15	Época Romana	88x43x7	Incineração secundária NE/SE
<i>Espólio</i>	Com material osteológico, com carvões, 1 fragmento de cerâmica comum e fragmentos de barro queimado.		
<i>N.º de Sep.</i>	<i>Cronologia</i>	<i>Medidas em cm</i>	<i>Tipologia/Orientação</i>
Sep.16	Época Romana	102x70x32	Incineração primária NE/SE
<i>Espólio</i>	Com 1 incisivo superior direito e com carvões, 1 taça e 2 potes em cerâmica comum sobre uma camada de madeira carbonizada. o que pode indicar uma sepultura de incineração primária.		
<i>N.º de Sep.</i>	<i>Cronologia</i>	<i>Medidas em cm</i>	<i>Tipologia/Orientação</i>
Sep. 17	Época Romana	59x33x5	Incineração secundária NE/SE
<i>Espólio</i>	Com material osteológico, sem carvões, com fragmentos de lucerna, cerâmica comum e ferro.		
<i>N.º de Sep.</i>	<i>Cronologia</i>	<i>Medidas em cm</i>	<i>Tipologia/Orientação</i>
Sep. 18	Época Romana	98x54x12	Incineração secundária NE/SE
<i>Espólio</i>	Sem material osteológico, sem carvões, com 1 taça em cerâmica comum e 1 taça em vidro.		
<i>N.º de Sep.</i>	<i>Cronologia</i>	<i>Medidas em cm</i>	<i>Tipologia/Orientação</i>
Sep. 19	Época Romana	106x49x22	Incineração secundária NE/SE
<i>Espólio</i>	Sem material osteológico, com carvões, com 1 prato em sigillata, vidro e cerâmica comum.		

CONCLUSÕES

Apesar de não terem sido identificados locais de habitat de cronologias antigas, quer as necrópoles, quer o sítio da Casa dos Mouros 78 e 241, dão-nos algumas indicações sobre as atividades económicas em época romana nesta região, designadamente a agricultura (azeite ou vinho em lagar rudimentar) e a pastorícia.

Independentemente das actividades realizadas, verificou-se uma ocupação do território desde pelo menos a Idade do Bronze até à atualidade, para o que em muito deverá ter contribuído o fácil acesso à água da Ribeira de Odelouca.

A continuidade espacial dos enterramentos na Necrópole do Monte Branco poderá ter sido devido à existência de uma memória relacionada com um espaço ritual ou sagrado.

Quando se fala em mundos de transição, para além de transição cronológica, como o caso da Necrópole do Monte Branco, e mutações de funcionalidades, sendo exemplo a Casa dos Mouros, porventura a transição mais significativa será a espacial consubstanciando-se nas deslocações das populações, o que se verificou na atualidade com a construção da barragem.

A importância do Património Material e Imaterial de uma população é essencial para a sua memória individual e colectiva, daí que seja importante realizar o seu registo, nas mais diversas áreas científicas, tentando compreender a ocupação espacial deste território – Bacia da Ribeira de Odelouca, ao longo de 5 milénios, assim como a sua articulação com os recursos aquíferos.

Na sequência da construção da barragem, os principais impactes conhecidos e identificados são:

- Alguns elementos arquitetónicos, etnográficos e arqueológicos submersos,
- A inundaçãõ de terrenos agrícolas de maior fertilidade,
- A deslocaçãõ de habitats de fauna,
- A deslocaçãõ de populações humanas.

Mas como dizia a D. Conceição: “Então agora vamos para São Marcos da Serra ou Alferce e deixamos tudo aqui?” O que é este “tudo” de que fala a D. Conceição?

Neste caso ela referia-se a deixar de ter acesso à água da ribeira, à perda das suas terras, o deixar a casa onde nasceu, casou, teve as filhas, mas, principalmente, deixar os seus vizinhos, as conversas, as suas memórias e agora até os “seus” mortos. Sim, porque os mortos da necrópole do Monte Branco da Foz do Carvalho passaram a ser seus antepassados.

O empobrecimento destas populações não passou apenas pela perda de terras, falta de ganha-pão, perda de habitações, mas principalmente com a desarticulação da comunidade:

A D. Conceição e o Sr. Ataíde foram para Alferce, vivendo agora numa casa sem horta e longe dos antigos vizinhos; O Sr. António e a D. Alzira foram para São Marcos da Serra e tiveram de vender os animais pois não tinham espaço para os burrinhos; O Sr. José e a D. Ilda foram viver para São Marcos da Serra; A D. Tereza e o Sr. Mário para outra casa de São Marcos da Serra mas mantiveram parte dos terrenos junto à barragem onde construíram uma nova destilaria, agora sem vizinhos; A D. Antonieta foi para longe, para perto da filha, mas volta na altura do medronho para os terrenos que sobraram e faz a destila na do Sr. Mário; O Sr. António e a D. Maria foram viver para um monte afastado da aldeia, continuavam a poder realizar as atividades que tinham e a manter os animais. Mas, infelizmente, a D. Maria não chegou a poder usufruir deste novo espaço: faleceu em finais de 2010. A D. Leonilde Marques foi viver com o filho; o Sr. Manuel Valverde foi para um lar e é visitado pelo Sr. Francisco Vargas, que foi viver com o filho; o Sr. Zeca adoeceu e foi viver com a filha, afastado da companheira de vida, a D. Tereza.

O “grau” de transição no mundo destas pessoas não é, com certeza, o mesmo que no meu mundo ou no mundo do romano depositado na sepultura 3 ou de quem foi enterrado há 5 mil anos na sepultura 8. Cabe-nos a nós, pelo menos, tentar registar o máximo destas informações para que a memória delas permaneça.

Como diz Patricio Guzmán no seu documentário «Nostalgia da luz» de 2010:

Os que têm memória são capazes de viver no frágil tempo presente. Os que não a têm não vivem em lado nenhum.

BIBLIOGRAFIA

- COSME, Susana Rodrigues (2010a) – *Necrópoles no vale da Ribeira de Odelouca, São Marcos da Serra*. «XELB», 10, p.129-144.
- (2010b) – *Levantamento Etno-Arqueológico da Albufeira de Odelouca*. «XELB», 10, p. 877-886.
- GUZMÁN, Patricio (2010) – *Nostalgia da luz*. Chile: Atacama Productions. DVD, 90 minutos.
- RIBEIRO, Orlando (1991) – *Opúsculos Geográficos. O mundo rural*. Vol. 4, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

